

Questões Metodológicas na Pesquisa em Linguística de Texto

Methodological Issues in Text Linguistics Research

Cristiane Barbalho

Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Docente, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

 cristiane.sa.1@cp2.edu.br  <https://orcid.org/0000-0002-5379-9608>

Dennis Castanheira

Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Docente, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

 denniscastanheira@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>


Margareth Morais

Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Docente, Instituto Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

 margareth.morais@ifrj.edu.br  <https://orcid.org/0000-0001-7182-0258>

 <https://doi.org/10.29327>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar reflexões sobre as metodologias empregadas nas pesquisas em Linguística de Texto. Nessa abordagem teórica, o texto é visto como objeto central sob um viés sócio cognitivo e interacional (Koch, 2005), em que fenômenos como a referência, a articulação textual e a intertextualidade, por exemplo, devem ser analisados com base na construção dos sentidos e da coerência textual. A justificativa para tal pesquisa é a ausência de caminhos consolidados quanto aos métodos de pesquisa na área. Assim, neste trabalho, pretendemos, por meio de uma metodologia bibliográfica revisional, retomar trabalhos já efetuados e traçar reflexões. Nossos resultados indicam que é possível adotar diferentes perspectivas nesse âmbito e que isso deve ser considerado pelo pesquisador da área.

Palavras-chave: Metodologia, Linguística de Texto, Gêneros Textuais.

Abstract

The main objective of this work is to present reflections on the methodologies used in research in Text Linguistics. In this theoretical approach, the text is seen as a central object under a sociocognitive and interactional bias (Koch, 2005), in which phenomena such as referencing, textual articulation and intertextuality, for example, must be analyzed based on the construction of the meanings and textual coherence. The justification for such research is the absence of consolidated paths regarding research methods in the area. Thus, in this work, we intend, through a revisional bibliographical methodology, to resume works already carried out and to outline reflections. Our results indicate that it is possible to adopt different perspectives in this context and that this should be considered by the researcher in the area.

Keywords: Methodology, Text Linguistics, Textual Genres.

Recebido em 15/04/2023

Aceito em 17/05/2023

Publicado em 07/09/2023

Introdução

O campo de estudos linguísticos é amplamente heterogêneo. Nos diversos centros acadêmicos no país, pode-se perceber uma enorme variedade de linhas de investigação. Pensar em metodologia de pesquisa dentro dos estudos linguísticos é, portanto, considerar a amplitude e a heterogeneidade de teorias existentes. Dentro desse contexto, o presente artigo tem como escopo refletir sobre questões metodológicas em um campo específico da linguística, a Linguística de Texto (LT).

Para a LT, o principal atributo da língua não é transmitir informações, mas inserir “os indivíduos em contextos sócio-históricos e permitir que se entendam” (Marcuschi, 2008, p. 67). Desse modo, o texto precisa ser visto como processo. Assim, cada leitor fará seu levantamento de hipóteses para compreendê-lo, dependendo de seus conhecimentos

linguísticos, interacionais, contextuais, intertextuais e de mundo (cf. Koch, 2005). A LT hoje privilegia o entendimento do texto com vistas à dimensão das práticas discursivas, com um interesse especial pela produção e pela compreensão de sentidos veiculados por diversas semioses.

De acordo com Cavalcante (2016), é impossível refletir sobre os processos que engendram a coerência textual sem levar em conta que os sujeitos das interações são entes discursivos, que produzem e interpretam textos a partir de posições determinadas que balizam o que pode/deve ou não ser dito. Assim, as estratégias textuais, na verdade, são sempre estratégias discursivas, selecionadas tendo em vista a dimensão argumentativa presente em todo e qualquer texto.

O papel do pesquisador, nesse âmbito, é acionar habilidades de análise relacionadas à caracterização do *corpus* escolhido, definindo gênero, tipologia, local de circulação, se são textos digitais ou não, objetivo e finalidade dos textos selecionados, dentre outras questões, para, assim, poder iniciar seu trabalho de análise. No entanto, tal percurso metodológico na área dos estudos do texto é complexo, já que, de acordo com pressuposto teórico central da LT, todas essas questões que caracterizam um texto precisam ser analisadas em conjunto, tendo sempre em vista o papel de cada item na construção de sentidos. Outra questão que também se coloca para o analista é a escolha por uma abordagem quantitativa e/ou qualitativa. Lançar luz sobre tais desafios, que se impõem diante de todas as pesquisas dentro da LT, assim, é o principal objetivo deste trabalho.

Para atingir tal finalidade, o presente trabalho apresenta um panorama dos pressupostos teóricos da LT, para, em seguida, discutir questões relacionadas à seleção do *corpus* e sua relação com a noção de gêneros textuais. Na sequência, são discutidas formas de abordagem metodológica, com base em uma coletânea de pesquisas dentro da área.

Linguística de Texto: Teoria

Ao longo das últimas décadas, a LT passou por diferentes fases, que marcam modificações nos pressupostos teóricos basilares e alterações relevantes nas concepções de texto, o que pode ser ilustrado pelo Quadro 1:

Quadro 1*Fases da Linguística de Texto*

| Fase | Época | Conceito de texto | Principais autores |
|----------------------|------------------------|---|--|
| Primeira fase | Até anos 1970 | Frase complexa/ sequência de enunciados | Charolles, Dressler, Rieser, Van Dijk e Viehwegger |
| Segunda fase | Entre 1970 e 1980 | Instrumento interativo | Isenberg, Motsh, Schmidt, Van Dijk e Wunderlich |
| Terceira fase | A partir dos anos 1980 | Processo sociocognitivo e interacional | Beaugrande, Dressler, Mondada e Van Dijk |

Fonte: Santos & Castanheira (2021)

Atualmente, é possível afirmar que

exemplos reais passam a ser focalizados diante dos processos interacionais envolvidos nas diferentes situações de produção. A linguagem deixa de ser concebida como um sistema de signos e passa a configurar um conjunto de atividades que realizam a expressão comunicativa, uma vez que usar a língua envolve realizar ações embasadas em atividades e regras sociais orientadas por meios verbais que estabelecem determinados objetivos. (Santos & Castanheira, 2021, p. 120).

Assim, a LT pode ser caracterizada hoje como uma abordagem teórica que tem o texto como objeto central sob um viés sociocognitivo e interacional, em que os sentidos não estão prontos e disponíveis no dito, devendo ser explorados e mapeados de maneira muito mais ampla e complexa por meio da análise e da discussão discursiva.

É essencial, nesse âmbito, o papel do contexto para compreensão das informações de cada texto, tendo em vista que o entorno comunicativo possibilita muitas reflexões sobre o que está presente na superfície textual. Isso se evidencia pela associação entre o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico, tendo em vista que as marcas explícitas estão diretamente ligadas à carga social presente na memória de cada indivíduo e são compartilhadas socialmente. Ou seja, é por meio de uma análise sociocognitiva que conseguimos efetuar uma análise contextualizada.

Na abordagem da LT, há vários fenômenos comumente estudados, dentre os quais se destacam a referenciação, a articulação textual, a coesão, a coerência e a intertextualidade, conforme exploram as pesquisas de Moraes (2017), Andrade (2019), Antunes (2019), Castanheira & Fortuna (2021) e Barbalho (2022). Tais investigações demonstram que é necessário explorar os sentidos a partir de uma perspectiva que une o dito e o não dito.

Acerca da referenciação, é necessário destacar que se trata de um processo em que há a ativação e a reativação de objetos de discurso, que são interpretados diante do contexto discursivo em que se inserem. Os referentes são analisados pela LT a partir da construção referencial presente na tessitura dos diferentes gêneros textuais. Isso se evidencia pelas estratégias de anáfora direta, indireta e encapsuladora e dêixis temporal, espacial e pessoal, já consagradas na literatura especializada (cf. Cavalcante, Custódio Filho & Brito, 2014).

O processo de referenciação, portanto, diz respeito ao conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, que os interlocutores realizam, ao passo que a interação comunicativa se desenvolve, com o objetivo de (re)significar as experiências vividas, com base na construção partilhada dos objetos de discurso, que asseguram a construção de sentidos. O conceito de referenciação revela ainda a íntima relação entre coesão e coerência, uma vez que só é possível identificar os objetos de discurso retomados ou antecipados a partir de associações cognitivas.

Assume-se aqui a noção de Cavalcante, Custódio Filho & Brito (2014), segundo os quais a recategorização é um processo cognitivo-discursivo de transformação dos referentes, de crucial importância para a orientação argumentativa do texto. Em outros termos, os objetos discursivos vão mudando ao longo do texto por meio de acréscimos de atributos e de diversas marcas estratégicas, capazes de remodelar a imagem do referente construída pelo interlocutor, a fim de indicar seu propósito argumentativo, ou ocultá-lo. Isso quer dizer que o processo de reconstrução do referente acontece na proporção em que os variados índices ajudam o interlocutor a compor novos sentidos e novas referências, diante do desenvolvimento textual. Nesse processo de (re)construção e recategorização dos objetos do discurso, tanto a cadeia referencial como as pistas textuais corroboram a realização dessa dinâmica, em que os sujeitos se valem dos seus conhecimentos compartilhados para a construção do referente.

Nesse âmbito, a referenciação é central na leitura e na produção de textos orais e escritos, posto que envolve processos interpretativos e de tessitura bastante complexos e que precisam ser explorados para a efetiva compreensão e para a escrita/ fala consciente da ligação entre os fatos linguísticos e os seus efeitos discursivos, o que muitas vezes não é uma tarefa simples. É necessário, para tanto, relacionar o domínio dos recursos linguísticos ao seu papel no texto.

Outro pressuposto relevante da Linguística de Texto é a articulação textual. Para que isso seja discutido, é necessário observar a sequenciação marcada por elementos linguísticos (conjunções, advérbios, marcadores discursivos, etc.) e os efeitos de sentido envolvidos e que podem marcar a (inter)subjetividade, a modalização e a argumentação em variados textos em diferentes gêneros e suportes.

Já a intertextualidade é a presença de textos em outros textos e pode ser relacionada a pontos centrais da Linguística de Texto, como a argumentação, por exemplo (Koch & Elias, 2016; Castanheira & Fortuna, 2022). Recurso necessário para construção discursiva, a intertextualidade atua na rica tessitura informacional de diferentes gêneros e é central para efeitos de sentido diversos, dentre os quais o humor.

O papel da referenciação, da sequenciação e da intertextualidade na construção dos textos é diretamente relacionado aos pressupostos basilares da Linguística de Texto nos dias de hoje, tendo em vista que o olhar interacional e cognitivo possibilita observar os elementos linguísticos para além da superfície textual, interpretando-os como pistas que marcam um posicionamento também ligado à pragmática, a um entorno social e discursivo. Ou seja, não há apenas a mera decodificação grafemática ou a relação de “puxar setas” para achar o referente, havendo muitas complexidades nos processos interpretativos.

Na verdade, a LT privilegia, atualmente, o entendimento do texto com vistas à dimensão das práticas discursivas, com um interesse especial pela produção e pela compreensão de sentidos veiculados por diversas semioses. De acordo com Cavalcante (2016), é impossível refletir sobre os processos que engendram a coerência textual sem levar em conta que os sujeitos das interações são entes discursivos, que produzem e interpretam textos a partir de posições determinadas que balizam o que pode/deve ou não ser dito. Assim, as estratégias textuais são sempre estratégias discursivas, selecionadas segundo a dimensão argumentativa presente em todo e qualquer texto. Dessa forma, explicações referentes às estratégias de organização textual são descritas com base no

projeto de dizer do locutor, o que significa dizer que a LT inclui a *argumentatividade*, isto é, uma dimensão argumentativa como um pressuposto inegável e como uma motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual.

Como afirma Barbalho (2022, p. 58),

a referenciação reelabora a realidade, uma vez que as escolhas linguísticas apresentam um posicionamento discursivo dos interlocutores, cujos referentes são recategorizados a partir de acepções sociocognitivas, revelando intencionalidades comunicativas.

Nesse sentido, uma vez que os fenômenos estudados pela LT orientam o projeto de dizer de seus interlocutores e que as escolhas linguísticas são influenciadas pelos valores envolvidos no processo comunicativo, entender esses fenômenos contribui para a compreensão da construção argumentativa dos textos. Como afirma Cavalcante (2016, p. 115), “o objeto de investigação da LT não é, pois, a argumentação, nem são as práticas discursivas ou suas evidências semânticas em formações discursivas, nem é a representação cognitiva dos conceitos que embasam os sentidos textuais”. Porém, a autora defende que, mesmo a argumentação não sendo o objetivo central dos estudos dessa corrente teórica, a LT pode contribuir com os estudos sobre argumentação, principalmente no que se refere à referenciação, uma vez que os sujeitos selecionam estruturas textuais a partir do seu projeto de dizer, agindo sobre o outro, persuadindo, de alguma forma, a quem se projeta como interlocutor.

A abordagem da argumentação nos estudos de LT se deve à própria concepção de língua e de texto adotadas pela teoria que o concebe como um “evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (Marcuschi, 2008, p. 72), entendendo que o texto não reflete o mundo, mas o reconstrói por meio da linguagem, permitindo afirmar que não há texto neutro, sem alguma marcação ideológica. Como afirma Koch (1987, p. 19), a “interação social ocorre por intermédio da língua que se caracteriza por meio da argumentatividade”. Para a autora, pode-se afirmar que

o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (Koch, 1987, p. 19, grifos da autora).

Koch (1987) defende que argumentar é um ato humano e que está presente em todas as relações sociais. Por esse motivo, afirma que a interação social se caracteriza

pela argumentatividade, uma vez que o homem, a todo tempo, julga, avalia, critica, expressando juízos de valor sobre o que e quem lhe cerca. Além disso, por meio do discurso, tenta influenciar o comportamento do outro ou levá-lo a compartilhar determinadas opiniões.

Dessa forma, ao se trabalhar no campo da LT, é primordial a compreensão do texto como um processo e como um evento comunicativo, que sofrerá influências do seu contexto de produção. O trabalho deve ir além da materialidade linguística, investigando também os elementos envolvidos no seu processo de construção.

Seleção do *Corpus* e Pesquisa em Linguística de Texto

A concepção de gênero textual adotada contemporaneamente se baseia na própria modificação de concepção de língua que deixou de ser entendida apenas no seu plano formal e passou a ter também uma dimensão sociocognitiva e interacional, como já apresentado. Além disso, os trabalhos desenvolvidos no campo da filosofia da linguagem por Bakhtin contribuíram com o desenvolvimento dos estudos sobre texto, discurso e gêneros. Como afirma Barros (2020[1997], p. 25), “Bakhtin influenciou ou antecipou as principais orientações teóricas dos estudos sobre texto e o discurso desenvolvidos sobretudo nos últimos 30 anos”, por isso, ao falar sobre gêneros, parte-se das contribuições e das discussões originadas pelo filósofo nas quais os trabalhos desenvolvidos atualmente sobre o assunto se apoiam.

Para o autor, de acordo com Machado (2020[1997]), o gênero é um conceito plural, que estabelece comunicações combinatórias da linguagem em uso, tanto nas suas dimensões verbal como também extraverbal, compreendendo-o dentro de uma dimensão temporal, em um processo de interatividade, por meio dos usos que se faz da língua. Bakhtin (1997 [1979], p. 301) defende que “todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” e acrescenta que há uma pluralidade de gêneros construídos a partir das necessidades comunicacionais.

Como apresenta Bakhtin (1997[1979], p. 269), o uso da linguagem é sempre concretizado nos mais variados campos da atividade humana que são diversos e multiformes. Ao empregar-se a língua, concretizamo-la por meio de enunciados, definidos como “unidade real de comunicação discursiva”, que podem ser orais ou escritos, e que refletem condições e finalidades específicas de cada campo de atividade humana,

diferenciando-se pelo seu conteúdo (temático), pelo estilo de linguagem utilizado e por sua construção composicional, que estão ligados entre si no enunciado que constroem. Bakhtin (1997[1979], p. 262, grifos do autor) ressalta que não se pode afirmar, por isso, que todos os enunciados são iguais, pois “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso.”

Conforme a concepção bakhtiniana, a necessidade do enunciadador em querer dizer algo, em verbalizar a respeito de uma determinada temática, permite o surgimento de um gênero, determinado pelo campo da comunicação discursiva, pelas questões temáticas, pela situação concreta em que se realiza o processo comunicacional, pelos interlocutores, além de outros fatores extralinguísticos. O falante, ao ter uma determinada intenção discursiva, “com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constituindo-se e desenvolvendo-se em determinada forma de gênero” (Bakhtin, 1997[1979], p. 282).

O desenvolvimento comunicacional por meio dos gêneros pelos sujeitos ocorre a partir de uma experiência anterior. De acordo com Barbalho, Santos & Sebastião (2017, p. 176), os falantes são capazes de interiorizar diferentes tipos de gêneros pela convivência com eles, “o que faz com que tenham a capacidade de os reconhecer e de conseguir antecipar a sua estrutura discursiva num momento de interação”. Koch (2005) reafirma que; mesmo o falante não dando conta de que, ao produzir um texto, está produzindo um gênero cuja estruturação é resgatada em sua memória, isso é possível a partir de seu conhecimento prévio, definindo esse processo cognitivo de competência metagenérica. Esse resgate, segundo a autora, da estruturação dos gêneros é possível pelo fato de eles serem compartilhados socialmente, concordando com os princípios levantados por Bakhtin, a partir de uma relação de interação comunicativa, que permite tanto produzir como também reconhecer determinados gêneros, orientando as práticas comunicativas, sem a necessidade de uma nomeação explícita. Ao produzir uma receita, por exemplo, resgata-se, nas experiências compartilhadas anteriormente, a estrutura desse gênero, que é realizado como discurso.

Entretanto, como as esferas sociais são diversas e cada uma delas cria necessidades comunicacionais distintas, conseqüentemente haverá gêneros que podem circular apenas em determinadas esferas, acarretando a ausência de reconhecimento desse gênero por quem não circula nesse meio social. Sobre essa questão, uma definição

importante a ser levada em consideração no trabalho com gêneros que advém das reflexões bakhtinianas sobre esferas sociais é o de domínio discursivo, assim definido por Marcuschi (2010[2002], p. 24-25),

já que os gêneros são atividades humanas da linguagem, cujos domínios discursivos não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos (...) constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.

Como defende Schneuwly (2004), os gêneros são instrumentos que permitem aos sujeitos agir em situações de linguagem, sendo indissociável do seu contexto histórico e social. Cada gênero é uma ação que visa atingir um determinado objetivo em uma específica esfera de circulação. Por isso, mais uma vez se reitera a importância do estudo de gêneros não apenas no seu plano formal, mas também na sua função comunicativa. O estudo de gênero envolve uma análise interdisciplinar, em que se deve dar uma atenção especial para a linguagem efetivamente em funcionamento e para as atividades culturais e sociais. Como já apontava Bakhtin (1997[1979], p. 292), as palavras só ganham de fato sentido quando são inseridas em gêneros, quando “surgem unicamente do seu emprego vivo em um enunciado concreto”. Marcuschi (2008) defende essa ideia em seus estudos, ao afirmar que é impossível se comunicar verbalmente sem que seja por um texto realizado em algum gênero textual. Há nos gêneros, certa identidade que nos condiciona a determinadas escolhas, não sendo elas aleatórias. “Os gêneros limitam nossa ação na escrita (...) os gêneros se tornam propriedades inalienáveis dos textos empíricos e servem de guia para os interlocutores, dando inteligibilidade às ações retóricas” (Marcuschi, 2010[2002], p.156).

Diante dessa perspectiva bakhtiniana, vários outros trabalhos foram desenvolvidos, como já se identificou, que se referem aos gêneros textuais, principalmente no campo da LT, cujos conceitos iniciados por Bakhtin foram aprofundados. Koch & Elias (2006) concordam com Bakhtin que um gênero pode ser caracterizado por três planos indissociáveis: composicional, conteúdo temático e estilo. As autoras indicam que, no plano composicional dos gêneros, são levadas em consideração a maneira de organização, a forma como as informações foram distribuídas e a utilização de elementos não verbais. No plano do conteúdo, temos o objeto do discurso e já no plano do estilo, a seleção de recursos gramaticais, lexicais e fraseológicos para sua construção.

Dessa forma, os gêneros “são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (Marcuschi, 2010[2002], p.19). Não há, a partir de uma concepção interacionista e sociodiscursiva, como conceber a análise de gêneros fora de suas práticas sociocomunicativas, como já delineava Bakhtin. De acordo com Bezerra (2020, p. 43), “os gêneros só surgem quando certas condições sócio-históricas estão presentes e criam a demanda para sua produção”. Portanto, dentro de uma prática social, um enunciador, por exemplo, a princípio, em uma situação real de comunicação, só produzirá um memorando em um contexto específico de interação comunicativa e em determinadas condições sócio-históricas em que de fato seja necessária sua produção, a partir de uma demanda de interação social.

Cada gênero, portanto, terá determinadas estruturas que vão ao encontro do propósito comunicativo dos sujeitos envolvidos no processo comunicacional. No gênero receita, por exemplo, é comum as estruturas de verbos no modo imperativo, uma vez que o sentido desse modo verbal contribui para a finalidade de orientar e ensinar a fazer algo. Já no texto publicitário, o mesmo recurso – verbo no imperativo – contribuirá para a finalidade de persuasão do interlocutor. Assim, além de os gêneros selecionarem estruturas diferentes que devem ser consideradas para o desenvolvimento de uma pesquisa, essas estruturas podem ter efeitos discursivos distintos a depender do gênero em que se encontra. Por isso, o que se observa nas pesquisas realizadas no campo da LT é que as análises devem se apoiar no gênero, articuladas aos seus propósitos comunicativos, identificando como as questões estruturais, temáticas e de estilo influenciam nessa dinâmica.

Uma questão importante, no trabalho com os gêneros textuais, é a observação ao Comitê de Ética, que é o órgão responsável por avaliar e acompanhar os aspectos éticos envolvidos em pesquisas com seres humanos, a fim de garantir o respeito, a dignidade e a segurança de voluntários envolvidos na pesquisa. A partir de 2016, por meio da Resolução CNS nº 510/2016, as pesquisas desenvolvidas na área das Ciências Humanas e Sociais e em Ciências Sociais Aplicadas foram introduzidas no Comitê de Ética, buscando verificar os riscos e acompanhar a participação dos voluntários no desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, caso o gênero trabalhado não seja público, como os gêneros produzidos na esfera jurídica ou entrevistas concedidas por alunos e/ou voluntários cuja finalidade seja a utilização na pesquisa, deve haver a preocupação em submetê-lo ao comitê antes do seu desenvolvimento, diretamente na Plataforma Brasil.

Portanto, o trabalho com gêneros de variados domínios discursivos possibilita um avanço nas pesquisas em LT, uma vez que permite identificar estruturas específicas desses gêneros e de como os processos, estudados por essa área de conhecimento, são mobilizados para o projeto de dizer de seus interlocutores. Defendemos, então, que as investigações realizadas na área da LT sejam pautadas nos gêneros textuais que circulam nas mais variadas esferas sociais, uma vez que os estudos desenvolvidos dessa forma contribuem para a sistematização e para o aprofundamento de aspectos específicos, como intencionalidades comunicativas, contexto de produção, organização sequencial, seleção estrutural, que vão influenciar na própria categorização do gênero trabalhado.

Tipos de Metodologia na Pesquisa em Linguística de Texto

Um trabalho acadêmico é composto por diferentes etapas que, embora didaticamente seccionadas, estão diretamente relacionadas. De forma geral, as pesquisas são estruturadas a partir de uma revisão da literatura, que consiste na leitura e no estudo de trabalhos anteriores sobre o tema ou sobre aspectos análogos e entrincheirados; uma fundamentação teórica, que contempla as bases que alicerçam o estudo por meio de autores consagrados no assunto e teóricos recentes que os explanem de maneira pertinente; a metodologia, que envolve as opções de recursos utilizados para construção da investigação; a análise, que consiste na etapa em que os dados são testados e discutidos a partir do que fora construído previamente e a conclusão com os resultados obtidos a partir da análise realizada.

Na literatura especializada sobre metodologia científica, são variadas as possibilidades apresentadas sobre quais métodos podem ser seguidos em pesquisas de muitos campos do conhecimento. Contudo, é preciso dizer que algumas se destacam, sobretudo as abordagens qualitativa e quantitativa, que podem ser rótulos macro para diferentes ramificações e perspectivas e que serão nosso foco neste artigo. Há, por exemplo, trabalhos que seguem uma metodologia bibliográfica, empírica ou de pesquisa-ação e que não deixam de ser qualitativos e/ou quantitativos.

No campo da Linguística, de forma geral, há abordagens cujas metodologias já são consagradas e amplamente difundidas. O exemplo mais representativo, provavelmente, é o da Sociolinguística Variacionista, que é uma teoria com métodos muito bem organizados e replicados em milhares de pesquisas, inclusive no Brasil. Contudo, mesmo nessa

perspectiva, há variados e novos olhares sendo (re)pensados, como demonstram as diferentes “ondas” discutidas por Eckert (2012) e Machado Vieira (2020).

Na pesquisa em LT, costuma ser privilegiada a metodologia qualitativa, mas é importante dizer que essa não é uma regra, embora seja, de fato, uma tendência de muitos trabalhos. Isso pode ser explicado de diversas formas, mas possivelmente está ligado às bases teóricas: como o enfoque desses trabalhos geralmente é na construção dos sentidos do texto, é preciso que haja um olhar qualitativo atento e detalhado.

No entanto, não há impedimento algum em relação a um olhar quantitativo em prol da quantificação de dados na LT. O que ocorre, na verdade, é que não há como fazer uma pesquisa na área sem partir de uma análise qualitativa acurada e bem organizada e que o uso de métodos quantitativos é um recurso aliado ao qualitativo. Ou seja, pode haver uma combinação metodológica bastante relevante caso o objetivo da pesquisa contemple tal perspectiva mista, o que irá influenciar a forma da análise dos dados são, sobretudo, os objetivos traçados, o objeto de investigação e a própria organização do gênero investigado.

Barbalho (2022) analisou o gênero depoimento, na modalidade oral, gravado no momento de inquirição, durante o julgamento de instrução de oitivas de testemunhas, no crime de homicídio qualificado como feminicídio. Nesse trabalho específico com um gênero do domínio discursivo jurídico, um dos objetivos foi compreender como os processos referenciais contribuem para a construção dos referentes *mulher*, *acusado* e *feminicídio* a depender do enunciador e do propósito argumentativo dos interlocutores: acusação ou defesa do réu. Com base nesse objetivo, a autora buscou verificar as construções ideológicas e como a recategorização dos objetos do discurso, associados a outras pistas textuais, conduziam o interlocutor para determinadas avaliações dos referentes e contribuía para a construção argumentativa dos seus enunciadores, a depender das relações sociais/familiares estabelecidas entre os sujeitos, o acusado e a vítima. Desse modo, foi feita uma análise do *corpus* de cunho analítico-descritivo, em que foram selecionadas algumas cadeias referenciais que tenham, de forma mais produtiva, recategorizado a situação de feminicídio.

Por se tratar de um gênero longo, organizado em forma de diálogo no discurso direto, foi necessário traçar uma maneira de analisar as cadeias referenciais criadas para esses três objetos do discurso de forma produtiva, em que se considerassem também as pistas textuais. Após a narrativa realizada pelo depoente nesse gênero, o inquiridor

seleciona um determinado tópico do relato apresentado, por julgar ser relevante para a solução do caso, e foca nesse objeto do discurso específico, chamado de nóculo informacional. Nesse caso, analisando o gênero e sua estrutura, optou-se por dividir o texto, para se analisarem os dados, na mudança desse nóculo informacional. Portanto, verifica-se que tanto o objetivo da pesquisa como a estrutura do gênero interferiram na metodologia da pesquisa e na maneira de executá-la.

Ainda sob um olhar qualitativo, Castanheira & Fortuna (2022) mapearam a intertextualidade ligada ao personagem Pinóquio. Os autores recorreram a essa perspectiva, pois seu foco era investigar como o personagem era (re)construído em diferentes narrativas literárias e cinematográficas. Nesse trabalho, o olhar cuidadoso sobre cada caso e sua devida exploração eram os principais pontos de análise e, por isso, não havia a necessidade de efetuar quantificações.

Na pesquisa de Morais (2017), por outro lado, a investigação quantitativa foi também necessária. Ao investigar as estratégias de referenciação em notícias esportivas sobre futebol, com corpus que abarcava jogos da Copa do Mundo de Seleções 2014 em dois jornais distintos (*Lance!* e *O Globo*), a autora percebeu o uso consistente de epítetos (apelidos) das seleções. Tais epítetos eram formados pelo emprego de anáforas diretas e eram parte estrutural do gênero, sendo comum dentro do domínio discursivo esportivo o uso dessa forma de nomeação de clubes e seleções, como, por exemplo, “tricolor” e “rubro-negro”. Nesse sentido, para comprovar a estreita relação entre o uso das anáforas diretas e a estrutura do gênero, a autora utilizou também empregou uma abordagem quantitativa desses dados. Para tanto, a autora selecionou alguns objetos de discurso (nomes das seleções, nomes de jogadores, por exemplo), mapeou as formas de referenciação associadas a tais objetos e procedeu a um levantamento desses dados. A princípio, pode parecer uma abordagem equivocada, que desconsidere o texto como um processo. No entanto, a análise qualitativa comprovou a importância da anáfora direta na construção desse gênero.

A alta ocorrência de anáfora direta em notícias esportivas indica a necessidade de manutenção dos mesmos objetos de discurso durante os textos. Em uma notícia sobre um jogo entre Alemanha e Portugal, por exemplo, é natural que esses dois objetos de discurso permaneçam em foco durante o texto, bem como o nome dos jogadores principais dessas equipes. Além disso, a manutenção desses referentes nas notícias esportivas – além de garantir a progressão textual, característica básica dos processos de

referenciação – promove uma estabilização dos objetos de discurso, originando certas formas de referenciação que chamamos de epítetos. Em alguns casos, como as seleções de maior expressão no futebol, essas formas, de tão cristalizadas, remetem constantemente aos mesmos referentes, sendo uma estratégia muito empregada nos textos do jornal, em programas esportivos que versam sobre futebol, fazendo parte, inclusive, do senso comum. Mesmo quem não acompanha futebol, reconhece alguns times pelo seu apelido. Assim, dentro dessa pesquisa, por conta do gênero selecionado, a análise quantitativa foi de extrema relevância para demonstrar, em termos numéricos, a cristalização desses epítetos evidenciada na análise qualitativa.

Outro exemplo de abordagem quantitativa aliada ao método qualitativo é o trabalho de Castanheira (2017). Em sua pesquisa, o autor discutiu os usos de adverbiais modalizadores em artigos de opinião publicados em sites de jornais cariocas, bem como a abordagem desse fenômeno em livros didáticos de Ensino Médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Por meio da sua análise, constatou que há um descompasso entre como os modalizadores são usados e como são abordados em materiais. Diante disso, propôs algumas atividades a fim de possibilitar tal diálogo.

A metodologia qualitativa é usada por Castanheira (2017) para analisar os doze livros que elegeram em seu trabalho, por meio da observação e da discussão do seu papel argumentativo e dos seus efeitos de sentido. Aliando a abordagem qualitativa e quantitativa, Castanheira (2017) mapeou como os adverbiais modalizadores eram usados por meio de seus padrões funcionais e formais (subjetividade, tipos de modalização, ordem oracional), o que possibilitou um caminho conjunto, em que não havia o foco apenas na caracterização minuciosa dos dados, mas também agrupamentos em prol de possíveis generalizações via frequência de uso.

A pesquisa de Castanheira (2020) também demonstra que é possível, no campo da Linguística de Texto, associar o método qualitativo ao quantitativo. O autor analisou a construção de entrevistas escritas publicadas em revistas impressas por meio da análise das características temáticas, estilísticas e composicionais dos textos. A partir do mapeamento das anáforas encapsuladoras e do seu papel nesse gênero, o autor constata que é a união dos estudos textuais à discussão morfossintática dos Sintagmas Nominais pode trazer respostas importantes.

Em sua análise, Castanheira (2020) elegeu os seguintes pontos de discussão: (a) tema – cultura, economia e política; (b) subjetividade – grau 1, grau 2 e grau 3; (c) grau de novidade do SN – grau 1, grau 2 e grau 3; (d) tamanho do SN – pequeno, médio e grande; (e) posição na oração – posição inicial e não inicial; (f) natureza fórica – retrospectiva, prospectivo e bifórica; (g) parte da entrevista – parte inicial, turno do entrevistador e turno do entrevistado; (h) multifuncionalidade – metaenunciativa, organização enumerativa e sumarização generalizadora; (i) organização/ interação textual.

Diante disso, o autor partiu da análise qualitativa e detalhada dos dados, mapeando os efeitos de sentido e as especificidades discursivas e estruturais de cada caso para que, posteriormente, conseguisse agrupá-los nas categorias listadas. Com isso, efetuou a distribuição da frequência dos Sintagmas em cada grupo e cruzou os diferentes grupos de fatores.

É necessário dizer que, nessas pesquisas, a opção metodológica pela perspectiva qualitativa e/ou quantitativa não é arbitrária e esse deve ser um ponto central de reflexão para todos os pesquisadores da área, tendo em vista que a ciência deve ser bem fundamentada por meio de investigações devidamente organizadas e estruturadas a partir de autores que embasem as necessárias discussões. Um trabalho acadêmico deve ter objetivos bem definidos para que consiga, de fato, ter resultados coerentes.

Nesse sentido, escolher um método qualitativo pode ser uma ótima estratégia para trabalhos cujo objetivo seja mapear e discutir os efeitos de sentido no texto. Por outro lado, caso haja a pretensão de estabelecer generalizações, é preciso ir além e considerar também o olhar quantitativo, tendo em vista que não há como discutir frequência de uso apenas com observações específicas, caso a caso. É necessário dizer, contudo, que é preciso que haja um olhar qualitativo para que haja uma pretensão quantitativa na discussão da distribuição categorial dos dados.

Com isso, é possível afirmar que não há uma regra a ser seguida nas opções metodológicas na pesquisa em Linguística de Texto, todavia sempre deve haver um cuidado para que haja coerência entre o que está sendo proposto metodologicamente e quais os objetivos da investigação. Ou seja, há tendências a serem seguidas e observadas, no entanto, não há um caminho único e fechado. Assim, diante de cada objeto e de cada situação, será necessário (re)pensar as escolhas metodológicas.

Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos refletir sobre uma dificuldade bastante comum aos pesquisadores na área do texto: a abordagem metodológica. Nosso objetivo foi mostrar que, apesar de haver um caminho prévio, que envolve a caracterização do gênero, tipologia, plano de texto, propósito comunicativo, etc., é importante ter um olhar específico para o *corpus* escolhido, a fim de perceber as necessidades específicas oriundas de tal escolha.

Em uma primeira análise, por exemplo, a abordagem qualitativa se faz mais presente, sendo a primeira opção do analista, uma vez que tal método reflete princípios teóricos importantes, como a importância de analisar a construção dos efeitos de sentido no texto de um modo integrado. No entanto, cabe destacar que, a depender do gênero e de uma possível generalização que se queira abarcar, o olhar quantitativo pode ser bastante eficaz e ajudar a comprovar generalizações percebidas pelo analista, sendo mais uma forma de comprovação das hipóteses estabelecidas. É preciso ter em mente que, mesmo diante de uma pesquisa na área de texto/discurso, ambas as abordagens podem ter relevância. Desse modo, tal escolha metodológica não deve ser feita antes de conhecer bem o *corpus*.

Essa é uma questão importante para o analista do texto: avaliar bem o *corpus* e não definir nenhuma estratégia metodológica antes disso. Se os princípios teóricos convergem para um entendimento de que o texto se apresenta como uma unidade de análise singular, tendo sua coerência construída de modo particular dentro de um contexto de enunciação, a abordagem metodológica não pode estar definida a priori e pode variar de acordo com os exemplos selecionados para análise.

Referências

Andrade, F. (2019). *Referenciação e humor em crônicas de Luis Fernando Veríssimo*. [Dissertação de Mestrado, não publicada]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Antunes, V. (2019). *Referenciação e violência contra a mulher em relatos femininos*. [Dissertação de Mestrado, não publicada]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Bakhtin, M. Os gêneros do discurso. (1997 [1979]) Em M. Bakhtin. *Estética da criação verbal*. (M. E. G. Pereira, Trad., pp. 261-306). Martins Fontes.

Barbalho, C, Santos, L. W. & Sebastião, I. (2017). Gêneros textuais e ensino: Carta do leitor. Em P. Osório, D. Simões & M. C. Rosa (Orgs.). *Da constituição histórica do Português ao seu ensino: Estudos de linguística portuguesa*, (pp. 113-144). Dialogarts.

Barbalho, C. (2022). *Referenciação na construção argumentativa do gênero depoimento oral em audiências com tipificação de feminicídio*. [Tese de Doutorado, não publicada]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Barros, D. L. P. (2020). Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In B. Brait (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*, (pp. 25-36). Editora da Unicamp.

Bezerra, B. (2020) *Gêneros no contexto brasileiro: Questões [meta]teóricas e conceituais*. Parábola Editorial.

Castanheira, D. (2017). *Usos de adverbiais modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio: Reflexões e propostas de atividades*. [Dissertação de Mestrado, não publicada]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Castanheira, D. (2020). *Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: Análise textual-funcional*. [Tese de Doutorado, não publicada]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Castanheira, D. & Fortuna, L. (2021). Mapeamento intertextual e (re)construção de sentidos na adaptação Pinóquio em Turma da Mônica – Grandes Clássicos. *Revista da Gama e Souza*, 11, 42-55.

Castanheira, D. & Fortuna, L. (2022). Pinóquio: Mapeamento intertextual. Em M. Aldrovandi et al. (Org.). *Linguagens: Múltiplos olhares, múltiplos sentidos*, (v. 8, pp. 207-218). Editora UNIVATES.

Cavalcante, M. (2016). Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. 14(12), 106-124.

Cavalcante, M. M., Custódio Filho, V. & Brito, M. A. (2014). *Coerência, referenciação e ensino*. Cortez.

Eckert, P. (2012). Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of Sociolinguistic Variation. *The Annual Review of Anthropology*, 41, 87-100.

Koch, I. V. (1987). *A coesão textual*. Contexto.

Koch, I. V. & Elias, V. M. (2006). *Ler e compreender: Os sentidos do texto*. Contexto.

Koch, I. V. & Elias, V. M. (2016). *Escrever e argumentar*. Contexto.

Machado, I. (2020). Os gêneros e o corpo do acabamento estético. Em B. Brait (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*, (pp. 131-148). Editora UNICAMP.

Machado V. M. (2020). Língua, sociedade e relações de poder: A produção escrita de surdos. In R. Freitas Jr., L. A. S. Soares & J. P. S. Nascimento (Org.). *Aprendizes surdos e escrita em L2: Reflexões teóricas e práticas*, (pp. 36-56). UFRJ.

Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola.

Marcuschi, L. A. (2010). Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In M. A. Bezerra, A. P. Dionísio & A. R. Machado (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*, (pp. 19-38). Parábola.

Morais, M. A. (2017) *Referenciação em campo: A construção de sentidos na notícia esportiva*. [Tese de Doutorado, não publicada]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Santos, L. W. & Castanheira, D. (2021). Linguística de texto e referenciação: Reflexões a respeito da escrita do surdo. In R. Freitas Jr., L. A. S. Soares & J. P. S. Nascimento (Org.). *Aprendizes surdos e escrita em L2: Reflexões teóricas e práticas*, (pp. 118-130). UFRJ.

Schneuwly, B. (2004). *Gêneros e tipos de discurso: Considerações psicológicas e ontogenéticas*. Em B. Schneuwly & J. Dolz (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*, (pp. 21-39). Mercado de Letras.